ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: SABERES E PRÁTICAS NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

Edlania Alves Ferreira[1];
Francisca Fabilene Mateus de Sousa[2];
Priscila Maria Pires[3].
Rozilene Lopes de Sousa Alves[4].

[1] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, edlanialves@hotmail.com;

[2] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, fabilenysouza@gmail.com

[3] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, pri810989@gmail.com

[4] Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, rozilene.lopes@professor.ufcg.edu.br

RESUMO

A pesquisa na graduação sobre alfabetização, letramento e formação docente é fundamental para compreender os desafios que ainda marcam o ensino da leitura e da escrita no Brasil. Durante muito tempo, alfabetizar foi entendido como ensinar a juntar letras e formar palavras, por meio de práticas repetitivas e descontextualizadas. Com o avanço dos estudos educacionais, ampliou-se a visão de que não basta decodificar; é preciso compreender e utilizar a leitura e a escrita em situações reais, reconhecendo sua função social. Nesse cenário, a criança passou a ser vista como sujeito ativo do processo de aprendizagem, capaz de formular hipóteses e construir conhecimentos sobre o sistema de escrita. Assim, durante a formação, é fundamental que o futuro professor alfabetizador pesquise, conheça e busque analisar teorias, e processos de aprendizagem, com o propósito de alicerçar a base de sua prática pedagógica, construindo-se como profissional docente. O objetivo deste trabalho é apresentar a especificidade e a indissociabilidade dos processos de alfabetização e letramento, tanto na perspectiva teórica quanto na prática pedagógica. O presente artigo é, portanto, uma revisão bibliográfica narrativa, de caráter qualitativo, e de cunho exploratório, e os materiais pesquisados foram monografias, dissertações e artigos publicados na Língua Portuguesa. O referencial teórico-metodológico adotado foi qualitativo, com abordagem reflexiva, objetivando defender a indissociabilidade dos processos de alfabetização e letramento, demonstrar que a alfabetização não deve ser tratada como um processo autônomo e/ou anterior ao letramento, e compreender como a pesquisa na formação influencia o desenvolvimento profissional dos futuros professores alfabetizadores. Dessa forma, fortalece-se uma formação docente mais crítica e consciente, capaz de integrar técnica e sentido, garantindo uma aprendizagem significativa e socialmente relevante.

Palavras-Chave: Alfabetização; Letramento; Formação docente; Pesquisa na graduação; Prática pedagógica.

INTRODUÇÃO

Historicamente, o ensino da língua portuguesa foi marcado por métodos mecânicos e repetitivos que, muitas vezes, negligenciam a subjetividade do aluno e a função social da linguagem. Por muito tempo considerava-se Alfabetização uma atividade básica e observada pelo saber escrever o nome ou mesmo saber ler um texto curto e simples. No Brasil, é na década de 80 que o conceito de letramento surge, ganhando relavância e especificidades. Portanto, ao longo dos anos, o conceito de alfabetização e letramento passou por mudanças importantes, chegando a se fundirem enquanto se difundiam. Todo esse movimento possibilitou o surgimento de novas perspectivas teoricas, e ao mesmo tempo novas perspectivas na prática pegagógica.

Mesmo possuindo especificidades conceituais, alfabetizar e letrar, são processos indissociáveis (Soares, 2004). A justificativa para este estudo pauta-se na necessidade de superar a dicotomia entre o aprender a ler (alfabetização) e o saber fazer uso da leitura (letramento). E em como esses processos ocorrem, inclusive na pesquisa-formação do futuro professor. Ferreiro (2011) ressalta que a escrita não deve ser reduzida a uma técnica de transcrição sonora (codificação), mas sim compreendida como um sistema de representação, o que torna sua aprendizagem um processo conceitual.

A metodologia utilizada para a construção deste trabalho constitui-se em uma revisão bibliográfica narrativa, de caráter qualitativo, fundamentada nas obras de Magda Becker Soares, Emília Ferreiro e Antônio Augusto Gomes Batista. A análise centrou-se no levantamento de conceitos fundamentais da língua escrita e na evolução histórica das concepções de alfabetização e letramento no cenário educacional brasileiro, permitindo uma reflexão crítica sobre a prática pedagógica atual. Outrossim, reflexionando a cerca da pesquisa na formação do professor alfabetizador.

O objetivo deste trabalho é apresentar a especificidade e a indissociabilidade dos processos de alfabetização e letramento, tanto na perspectiva teórica quanto na prática pedagógica. Buscando demonstrar que a alfabetização não deve ser tratada como um processo autônomo e anterior ao letramento, mas sim como uma faceta indispensável que ocorre

simultaneamente à imersão da criança na linguagem escrita. Bem como, compreender como as experiências formativas baseadas na pesquisa influenciam o desenvolvimento profissional dos futuros professores alfabetizadores.

1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DOIS CAMINHOS, UM SÓ DESTINO

Durante um longo período, as fronteiras conceituais entre alfabetização e letramento permaneceram quase imperceptíveis, resultando em uma simbiose que dificultou a distinção entre ambos os processos. Suas especificidades foram se fundindo de tal maneira que se confundiam. Entretanto, através da aplicação de censos evidenciou-se que há distinção entre esses processos, do mesmo modo, o ser alfabetizado sofreu "evolução na abordagem". A esse respeito, Soares (2004, p. 7) assevera:

> No Brasil, a fusão entre o conceito de alfabetização e letramento deu-se principalmente pelas análises feitas por censos demográficos, pela mídia e pela produção acadêmica. Com o passar dos anos o conceito de alfabetização se expandiu, e diferenciou-se do letramento, tendo em vista que houve evolução na abordagem do que é ser alfabetizado e do que é ser letrado. Indicando que ser alfabetizado é saber ler e escrever, enquanto o letramento é "ser capaz de fazer uso da leitura e da escrita."

Dessa forma, entende- se que um processo não anula o outro, muito menos se sobrepõe. Também não são classificados por níveis de importância ou urgência. Nem ainda que acontecessem numa determinada ordem. Ao tempo que há distinção conceitual e técnica entre os dois processos- alfabetização e letramento- existe uma interdependência. Quando alfabetizada, a criança passa a conhecer o sistema convencional de escrita, a ler, enquanto letrada, compreende o uso dessa leitura e dessa escrita desenvolvida, atribuindo-lhe significado.

A alfabetização e o letramento não devem ser vistos como etapas isoladas ou sucessivas, mas como caminhos de um mesmo destino, que se retroalimentam constantemente. Enquanto a alfabetização foca no domínio técnico do sistema de escrita e na decodificação das relações entre sons e letras (fonema–grafema), o letramento diz respeito à inserção do indivíduo na cultura escrita e ao uso social dessas habilidades no dia a dia. "A própria ideia da possibilidade de dissociar as duas atividades é inerente à visão do ensino da escrita como o ensino de técnica de transcrição" (Ferreiro, 2011, p. 37). É por intermédio da Alfabetização e do Letramento que o sujeito é inserido na cultura escrita. Esses processos são indissociáveis haja vista que acontecem ao mesmo tempo "no mundo da escrita".

1.1 FORMAÇÃO DE UM INDIVÍDUO PLENAMENTE LETRADO E ALFABETIZADO

Segundo Magda (2004, p. 97), “alfabetização não é apenas aprender a ler e escrever”, “alfabetizar é muito mais que apenas ensinar a codificar e decodificar”. Um indivíduo plenamente letrado e alfabetizado vai muito além de possuir a capacidade de ler e escrever, é aquele que usa a linguagem como meio de transformação social e interação, capaz de interagir de forma ativa, crítica e pensante em sua comunidade. Esse processo é construído aos poucos, e não algo que surge espontaneamente.

Esse desenvolvimento começa com o primeiro contato com os livros até a compreensão de textos mais complexos, a criança passa por diferentes fases, cada uma com desafios e conquistas próprias. A esse respeito, Soares e Batista (2005, p. 43) afirma que:

> Quando nos alfabetizamos, aprendemos um sistema de representação da linguagem humana que toma como objeto de representação inicial os sons da fala, mas, posteriormente, para anular a variação lingüística, tende a se afastar da fala por meio da ortografia. Apesar de mais completa, essa definição, porém, ainda é insatisfatória. Não aprendemos esse objeto em si mesmo, mas no interior de processos de leitura e de escrita. Isso significa que capacidades ou procedimentos como, por exemplo, reconhecer letras, categorizar letras grafadas de forma diferente, realizar processos de análise e síntese de sílabas e palavras, adquirir fluência em leitura e rapidez na escrita, são também importantes dimensões daquilo que aprendemos quando nos alfabetizamos.

As habilidades supracitadas pelos autores, quando bem desenvolvidas, possibilita igualmente o desenvolvimento de um ser com capacidade de reconhecer e manipular os sons da língua (sílabas, rimas, fonemas), que avance progressivamente na fluência leitora: Ler com velocidade, precisão e prosódia adequadas, e que transmita mensagens oral/escrita de forma clara, demonstrando que um indivíduo plenamente alfabetizado, utiliza a leitura e a escrita como um instrumento de transformação, reflexão e aprendizado contínuo.

Torna-se necessário um maior aprofundamento, avaliando as mudanças ocorridas ao longo do tempo e pontuando pontos positivos e negativos dessas mudanças. Aponta-se que o Letramento tem um sentido ampliado da alfabetização, pois consiste em práticas de leitura e escrita, que vão além da alfabetização funcional. O trabalho do docente nessa perspectiva de educar precisa ultrapassar a proposição de ações pontuais definidas como “letradores” de modo a contribuir efetivamente com o desenvolvimento do aluno em todas as suas fases. O professor

deve ser inovador, levando para educação uma forma de estimular o interesse sobre o conhecimento para o aluno, para que assim ele possa ter a curiosidade e procurar aprender tendo uma visão de que esse aprendizado servirá para a sua vida, proporcionando novos caminhos com oportunidades e qualidade de vivenciar tudo aquilo que a educação proporciona.

1.2 PESQUISA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

A pesquisa na formação do professor exerce um papel fundamental na construção da identidade profissional docente. É durante a graduação que o futuro professor passa a compreender, de forma mais consciente, o significado de sua atuação e a importância de fundamentar sua prática em estudos e reflexões teóricas. O contato com pesquisas, debates acadêmicos e experiências investigativas possibilita que o licenciando deixe de enxergar o ensino apenas como aplicação de técnicas e passe a entendê-lo como um processo complexo, que envolve dimensões pedagógicas, sociais, culturais e políticas.

Ao longo da história da educação, muitas práticas pedagógicas foram marcadas pela repetição e pela ausência de reflexão crítica. Entretanto, quando o estudante se aproxima da pesquisa acadêmica, ele começa a questionar concepções tradicionais e a refletir sobre o sentido do que ensina e sobre como seus alunos aprendem. Acerca disso, Soares e Batista (2005, p. 11) declaram que:

> [...] uma adequada reflexão sobre diretrizes metodológicas, bem como uma consciente tomada de decisões, em sala de aula, pressupõe, dentre outros fatores, o conhecimento dos fundamentos teóricos que deram origem a essas diretrizes metodológicas, que podem dar base a decisões em sala de aula, que podem justificar direções seguidas. Em outras palavras: metodologia e teoria são duas faces de uma mesma moeda e são, por isso, inseparáveis. Não é possível atuar, com autonomia, em sala de aula, sem o conhecimento do objeto que se deseja ensinar e de cuja natureza e características decorrem, em larga medida, a utilização – e, por que não, a criação – de princípios, diretrizes e procedimentos metodológicos. Assim, conhecimentos de natureza teórica são um elemento importante para a construção de uma atuação autônoma de qualquer professor e, por isso, devem integrar sua formação". Esse movimento é essencial para que o professor compreenda que educar vai além da transmissão de conteúdo, exigindo intencionalidade, planejamento e consciência teórica.

As experiências formativas baseadas na pesquisa — como a leitura e análise de textos científicos, a observação em sala de aula, a participação em projetos e a produção de registros reflexivos — contribuem significativamente para o desenvolvimento de um olhar mais atento às necessidades dos estudantes. O futuro docente aprende a analisar os processos de aprendizagem, identificar dificuldades e pensar em intervenções pedagógicas mais adequadas, substituindo julgamentos simplistas por uma postura investigativa.

Além disso, a pesquisa fortalece a autonomia profissional. "[...] se você desconhecer aspectos dos fundamentos teóricos da área, ficará muito difícil dar prosseguimento, com autonomia, a sua formação" (Soares e Batista, 2005, p. 12). O professor em formação passa a compreender que suas escolhas metodológicas estão relacionadas a concepções de ensino e aprendizagem, e que sua prática precisa estar sustentada por fundamentos teóricos consistentes. Esse entendimento amplia tanto sua responsabilidade quanto sua segurança ao atuar na escola.

Dessa forma, a pesquisa na formação do professor não se restringe à elaboração de trabalhos acadêmicos, mas se constitui como um exercício permanente de reflexão, questionamento e construção de saberes. Ela promove a articulação entre teoria e prática e contribui para a formação de profissionais mais críticos, conscientes e comprometidos com uma educação de qualidade. Como aponta Soares e Batista (2005, p. 12), "Vale a pena lembrar: esses pressupostos podem auxiliá-lo a assegurar sua autonomia na condução de seu trabalho em sala de aula e no desenvolvimento de sua formação continuada."

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Concomitante, por intermédio da Alfabetização e do Letramento, o sujeito é inserido na cultura escrita, esses processos são indissociáveis haja vista que acontecem ao mesmo tempo. Desse modo, a relação entre alfabetização e letramento supera a visão dicotômica que separa a aquisição técnica do código escrito de sua aplicação funcional. Sob essa perspectiva, a criança se insere em práticas sociais letradas onde a codificação e decodificação ganha sentido através do uso. Os dois processos fundem-se em uma dinâmica indissociável, na qual o desenvolvimento da competência técnica e a expansão da consciência do letramento avançam de forma interdependente.

A alfabetização envolve o domínio do código alfabético, mas também exige que esse aprendizado esteja articulado ao letramento, ou seja, à participação nas práticas sociais da

escrita. Assim, indissociáveis, alfabetização e letramento não são etapas separadas, mas processos que se complementam e acontecem simultaneamente. Hodiernamente, entende-se que, o aprendizado acontece enquanto vivemos experiências. Uma criança se alfabetiza, quando imersa em práticas sociais (lendo placas, livros ou mensagens) não apenas quando é inserida em um código de escrita.

Paralelamente, o letramento se aprofunda à medida que a criança ganha autonomia técnica sobre o código escrito, ela não é introduzida à codificação como um rito preparatório e isolado. Em vez de primeiro decorar o alfabeto isoladamente (codificar) para só depois usá-lo, a criança mergulha no letramento desde o início, encontrando sentido e significado nas letras. Sendo assim, a alfabetização (o saber ler e escrever) e o letramento (saber usar isso socialmente) não são etapas sucessivas, mas um processo único e integrado de conquista da autonomia e da expressão pessoal.

Podemos analisar que o resultado de um processo bem-sucedido de "alfabetizar letrando" produz indivíduos capazes de demonstrar competência na capacidade de interpretar, compreender e produzir diversos gêneros textuais e não apenas verbais. E na interação social com habilidades de usar a escrita para interagir com o meio social de forma crítica. O leitor tem autonomia e capacidade de relacionar o que leem com experiências próprias, ampliando o conhecimento de mundo, bem como, a capacidade de ler a realidade e, com isso, transformá-la.

A literatura educacional, destacada pela autora Magda Soares, aponta que ser alfabetizado é dominar o sistema técnico de escrita, enquanto ser letrado é o uso social dessa habilidade. A escola tem um papel muito importante na formação de leitores, o que exige um ambiente dentro e fora da sala de aula, articulado, acolhedor e rico com materiais didáticos e pedagógicos que proporcione uma leitura qualificada e práticas prazerosas. Vale salientar que o apoio da família para com a escola é muito importante.

Não obstante, a presença da pesquisa na formação inicial do professor alfabetizador favorece o desenvolvimento de uma postura mais crítica diante do ensino. Ao se envolver com estudos teóricos e atividades investigativas, o licenciando passa a compreender a docência como uma prática que exige reflexão constante, planejamento e fundamentação teórica. Esse processo contribui para que o futuro professor deixe de reproduzir modelos prontos e passe a construir sentidos próprios sobre o ato de ensinar, de alfabetizar, fortalecendo sua identidade profissional.

No que se refere à prática pedagógica, os resultados mostram que as experiências formativas articuladas à pesquisa possibilitam uma compreensão mais aprofundada dos processos

de aprendizagem dos alunos. A base teórica desenvolvida durante a graduação, posteriormente a observação, o registro e a análise das situações vivenciadas em sala de aula permitem ao professor em formação identificar dificuldades, interpretar os avanços e pensar em estratégias pedagógicas mais adequadas. Dessa forma, a pesquisa se configura como um instrumento que orienta a tomada de decisões e qualifica a atuação docente no contexto da alfabetização e do letramento.

Conquanto, percebe-se que a pesquisa assume um papel central na construção da autonomia profissional do professor alfabetizador. Ao compreender que suas escolhas metodológicas estão relacionadas a concepções de ensino e aprendizagem, o futuro docente passa a atuar de maneira mais consciente e responsável. Por conseguinte, a pesquisa deixa de ser apenas uma exigência acadêmica e se consolida como uma prática formativa contínua, essencial para a formação de professores críticos, reflexivos e comprometidos com uma educação de qualidade. O empenho do futuro professor alfabetizador, em fundamentar teoricamente sua prática, através da pesquisa, da análise, da reflexão, auxiliará na base de sua formação.

O desenvolvimento que se segue do alfabetizador se dá em sua "formação continuada ou permanente". Porém, materiais didáticos, artigos acadêmicos não serão suficientes nem poderão auxiliar o aluno em formação, muito menos serão compreendidos e aplicados na prática de forma satisfatória, "se você não dominar algumas das referências teóricas que orientam a produção desses trabalhos ou se você não conhecer as relações que se estabelecem entre eles" (Soares e Batista, 2005). O alfabetizador, conhecendo os processos, a distinção e união entre eles, como aplicá-los de forma eficaz, ao se utilizar de métodos, deve estar similarmente ciente de que toda e qualquer criança possui a capacidade de aprender, e é ela o sujeito principal do processo, o professor, por sua vez, institui-se como o mediador do conhecimento.

CONCLUSÕES

Ante tudo o que fora exposto, retornamos à premissa inicial de que, alfabetizar é dar condições para que o aluno tenha acesso ao universo da escrita, tornando-se capaz de ir além do ler e escrever, é propiciar o desenvolvimento de habilidades e competências inerentes ao ser alfa-letrado. Vale salientar que a alfabetização refere-se ao aprendizado das habilidades de leitura e escrita, enquanto o letramento está mais voltado para o uso da língua em diferentes contextos. Apenas alfabetizar é insuficiente, pois o letramento é essencial para a aplicação prática da leitura e escrita. A alfabetização envolve o domínio do código alfabético, mas também exige que esse aprendizado esteja articulado ao letramento, ou seja, à participação nas

práticas sociais da cultura escrita.

Diante disso, conclui-se que a alfabetização e o letramento é a articulação integrada de ambos os processos. Ser plenamente alfabetizado e letrado significa possuir a capacidade técnica de ler e escrever com fluência, combinada à competência funcional de compreender e interpretar. O indivíduo torna-se um cidadão ativo, capaz de interpretar o mundo, em diferentes gêneros textuais, contextos, e utilizar a leitura/escrita para resolver problemas e exercer direitos. Esse processo é o alcance para o desenvolvimento da comunicação, das ideias e da inserção social, transformando vidas e ampliando oportunidades, dando ao indivíduo autonomia.

Portanto, a pesquisa na formação do professor alfabetizador é essencial para superar abordagens tradicionais, transformando o docente em um profissional reflexivo que investiga sua própria prática, teorias didáticas e o processo de aprendizagem dos alunos. Compreendemos que a pesquisa transforma o docente em um pesquisador que investiga a própria prática, criando novas maneiras pedagógicas. O objetivo é garantir que o professor compreenda a criança como um sujeito ativo e capaz, proporcionando situações de aprendizado que respeitem diferentes ritmos e respeitando o processo do aluno.

Por fim, a pesquisa na formação inicial permite ao futuro professor refletir sobre essas concepções, teorias e relacioná-las à prática pedagógica. O presente trabalho se encerra com a certeza de que ao aproximar teoria e realidade escolar, o licenciando compreende que ensinar a ler e escrever exige intencionalidade, planejamento e sensibilidade diante das dificuldades dos alunos. Dessa forma, fortalece-se uma formação docente mais crítica e consciente, capaz de integrar técnica e sentido, garantindo uma aprendizagem significativa e socialmente relevante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRO, Emilia. A representação da linguagem e o processo de alfabetização. In: FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 11-42. (Coleção questões da nossa época; v. 6).

SOARES, Magda Becker; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. ***Alfabetização e Letramento: Caderno do Professor.*** Belo Horizonte: CEALE/FAE/UFMG, 2005. (Coleção Alfabetização e Letramento).

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos**. Pátio - Revista Pedagógica, Porto Alegre: Artmed, ano 7, n. 29, fev. 2004

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.